



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS

JOÃO CARLOS MAZZAFERRO

(depoimento)

2009

CEME-ESEF-UFRGS

FICHA TÉCNICA

Projeto: Garimpando Memórias

Número da entrevista: E-154

Entrevistado: João Carlos Mazzaferro

Nascimento: Não informado

Local da entrevista: Sociedade Hípica Porto Alegre

Entrevistadores: Fabiane Dorneles e Fernanda Sant'Anna

Data da entrevista: 30/10/2009

Transcrição: Fernanda Sant'Anna

Conferência Fidelidade: Fabiane Dorneles / Grasiela Alves de Castro

Copidesque: Marco Antonio Ávila de Carvalho

Pesquisa: Fernanda Sant'Anna

Total de gravação: 18 minutos

Páginas Digitadas: 6

Observações: Entrevista realizada como atividade da disciplina “História da Educação Física” oferecida no segundo semestre de 2009 para o curso de Licenciatura em Educação Física da Escola de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que textual e que a fonte seja mencionada conforme especificação abaixo

MAZZAFERRO, João Carlos. *João Mazzaferro (depoimento, 2009)*. Porto Alegre: CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE - ESEF/UFRGS, 2010.

Sumário

Envolvimento com o hipismo; clube de Porto Alegre; gestão do clube, dos concursos; requisição financeira para os concursos; competições nacionais, internacionais; nomes do esporte; investimentos; benefícios da modalidade.

Porto Alegre, 30 de Outubro de 2009. Entrevista com João Mazzaferro, a cargo das pesquisadoras Fernanda Sant'Anna e Fabiane Dorneles para o projeto Garimpendo Memórias do Centro de Memória do Esporte.

F.S. - João, quando tu iniciaste no o hipismo?

J.M. - Com sete anos, na escola da hípica¹. Na Sociedade Hípica Porto Alegrense.

F.S. - Tu buscaste no hipismo uma forma de atividade física?

J.M. – Não. Meu pai também fazia equitação e meu objetivo maior sempre foi lazer e não resultados como atividade física.

F.S. - Tu tinhas algum incentivo da família ou amigos?

J.M. - Da família, o meu pai.

F.S. - Consideras que o esporte está em crescimento?

J.M. - No Brasil sim, com certeza.

F.S. - Realmente o hipismo é um esporte elitizado ou ele está aberto a todos os públicos?

J.M. - Ele não é elitizado. É um esporte para classe média, digamos, para classe A e B. Não se pode dizer que o hipismo seja um esporte popular ou possível para cidadãos brasileiros da classe C e D. Ele vai se tornar inacessível financeiramente, mas longe de ser um esporte elitizado. Acho que, 95% das pessoas que praticam, são classe média. Como a maioria dos sócios aqui da hípica.

¹ Sociedade Hípica Porto Alegrense (SHPA): A Sociedade Hípica Porto Alegrense atua como sede de eventos nacionais e internacionais de equitação. A associação oferece aulas para crianças e adultos do nível básico, para iniciantes até o nível avançado que se destina a atletas da área ou futuros competidores e trabalha também com adestramento.

F.S. - Tu disseste que praticas o hipismo. Então, tu tens aula com algum profissional? Quem seria?

J.M. - Com o Gustavo², mesmo que o teu.

F.S. - A escolinha é o único meio para se começar no esporte ou existe outro?

J.M. - Não, existem vários, mas, o principal, são as escolas. Por que alguém que nunca montou, principalmente, a criança e o adolescente, vão procurar um local onde eles possam realmente iniciar sem nunca ter montado? Normalmente, as escolas oferecem cavalos, instrução, o equipamento, a sela, etc. Ninguém, que nunca praticou, vai estar disposto a investir nisso sem saber até se vai gostar. Então, o grande fomento está nas escolas, mas esta não é a única maneira de se começar. Tem muita gente que até quando procura escola, já montava na fazenda, montava no campo, mas o tipo de equitação, o tipo de montabilidade é diferente do que é no hipismo. Eu acho que, com certeza, 95% das pessoas que começam a montar, começam em alguma escola de equitação, de algum clube, de algum manége.

F.S. - Quanto tempo um iniciante no hipismo deve se dedicar para se tornar um profissional?

J.M. - É uma pergunta bem complexa, porque hoje muitos profissionais com pouca idade estão surgindo. Muitos profissionais com 18 e 19 anos. É uma tendência, pois há muitos adolescentes que deixam ou preferem se dedicar ao esporte do que investir na profissão acadêmica. O que levaria de cinco a seis anos em uma Universidade, num mercado de trabalho bastante complicado. Por isso existem bastante jovens se encaminhando e tentando se profissionalizar no hipismo. Poucos vão ter sucesso adiante. Eu acho que aí vai haver um filtro dos melhores. O que acontece no hipismo também é que, na medida em que há essa profissionalização muito grande, muito cedo, existem aqueles profissionais que vão acabar atuando num início de mercado mais barato, com um cliente que está disposto a

² Gustavo Diaz Cardeilhac: Professor de equitação da SHPA.

pagar menos, investir menos. Digamos que o mercado vai separar um pouco o bom profissional e o mau profissional.

F.S. - Tu, como presidente da SHPA, quais são as dificuldades para se gerenciar/manter esse clube?

J.M. - Equacionar os interesses dos sócios é muito difícil, pois, na maioria das vezes, eles não possuem interesses em comum. O clube não é como uma empresa que normalmente possui apenas um dono. O clube possui vários sócios e, cada um deles, é dono de um pedaço. Logo, tenho que administrar o clube objetivando o seu desenvolvimento.

F.S. - Quais são as dificuldades para se organizar uma competição internacional a nível do “The Best Jump”³?

J.M. - As dificuldades são várias, desde a área organizativa, até a área de gestão. A operacionalidade é muito complexa na medida em que você tem animais muito caros, competidores vindo de vários lugares. Todos eles estão num padrão de exigência superior. Há também o público, o patrocinador, o cavaleiro. Mas eu diria que a maior dificuldade, sem dúvida, ainda é a financeira. Hoje, o “The Best Jump” tem um orçamento ao redor de um milhão e meio, o que é uma verba bastante difícil de conseguir de patrocínio, principalmente, no Brasil onde o patrocínio para o esporte é pouco e difícil. Mas nós, agora para o The Best Jump, temos um planejamento em médio prazo, um planejamento estratégico. Será um concurso hípico internacional cinco estrelas, que prevê uma premiação de 500.000 mil reais no mínimo, com a participação de vários países europeus. É uma visão que nós temos para daqui dois ou três anos.

F.S. - Quais são os melhores cavaleiros ou amazonas brasileiros?

³ The Best Jump: Uma das mais tradicionais competições do hipismo brasileiro acontece na Sociedade Hípica Porto-Alegrense (SHPA) e conta com a presença de cavaleiros e amazonas do Brasil, do Uruguai, da Argentina e outros países da América Latina. Entre os destaques do evento, está o Grande Prêmio Cidade de Porto Alegre, tradicional competição que encerra o The Best Jump.

J.M. - Bom, temos os que montam na Europa, como os brasileiros Rodrigo Pessoa⁴ e Bernardo Rezende Alves⁵. Aqui, em Porto Alegre, nós temos hoje a Karina Harbich Johannpeter⁶ que tem tido excelentes resultados. Por certo vai disputar vagas no Campeonato Mundial e nos próximos Jogos Pan Americanos. Acho que hoje no Brasil existe um grupo bom de cavaleiros competindo. Agora mesmo no Rio de Janeiro temos Stephan Barcha⁷, um garoto de 18 anos que tem se classificado e ganhou alguns grandes prêmios. Há também José Roberto Reynoso Fernandes Filho⁸ de São Paulo. Porém, estes são cavaleiros ainda limitados às competições no Brasil, que ainda tem um padrão de exigência que deixa muito a desejar em relação aos concursos internacionais. Então, eu acho que hoje esses brasileiros que competem na Europa têm um destaque realmente mais importante que esses cavaleiros do Brasil.

F.S. - Dos internacionais, quais são os cavaleiros e amazonas que tu mais gosta?

J.M. - Não sei.

F.S. - Por que a maioria dos cavaleiros e amazonas acabam trabalhando na Europa?

J.M. - Porque o padrão de competitividade, o padrão dos competidores, da tecnologia, o conhecimento, os melhores concursos, todos estão lá. Tem mais dinheiro, tem mais patrocinadores, melhores cavalos. É como um jogador de futebol. Por que os bons

⁴ Rodrigo Pessoa: Filho de Nelson Pessoa, renomado cavaleiro brasileiro. Hoje, Rodrigo é um dos maiores representantes do hipismo brasileiro no mundo, sendo detentor de quase todos os prêmios de prestígio no cenário mundial.

⁵ Bernardo Cardoso Rezende Alves: Nasceu na bela cidade mineira de Belo Horizonte. Desde os quatro anos de idade, quando assistiu cavaleiros saltando numa hípica, em Minas, Bernardo é apaixonado pelo hipismo. Aos 12 anos, foi campeão brasileiro da categoria Mirim e não parou mais. Vindo da classe média, contou com a ajuda de um empresário brasileiro para seguir o caminho dos principais cavaleiros do mundo: a Europa. Em 2002, instalou-se na Bélgica e desde então treina no *manège* de Nelson Pessoa, o técnico da seleção.

⁶ Karina Harbich Johannpeter: Filha do empresário e cavaleiro Jorge Johannpeter, amazona brasileira de destaque.

⁷ Stephan Barcha: Jovem cavaleiro nascido no Rio de Janeiro, é apontado por vários especialistas como um promissor representante olímpico brasileiro não só nas Olimpíadas do Rio de Janeiro, em 2016, mas também na de 2012, em Londres.

⁸ José Roberto Reynoso Fernandez Filho: Atualmente é um dos principais cavaleiros do hipismo brasileiro, tem como uma das suas principais características a sua capacidade de adaptação aos diversos tipos de cavalos, técnica refinada e sua vontade de vencer.

jogadores vão para a Europa? Lamentavelmente, lá tem muito mais dinheiro do que aqui para ser investido no esporte. Muito mais patrocinadores para comprar cavalos bons. Os melhores concursos do mundo são na Europa. Então, se você quer ser um competidor de ponta, o que resta fazer é isso. O Guga⁹ não morou em Santa Catarina quando era bom. Morava em qualquer outro lugar, menos em Santa Catarina. Então, na verdade, se você quer realmente chegar num patamar de excelência internacional, tem que buscar esse caminho. Não há como ser diferente.

F.S. - Com as Olimpíadas de 2016, tu achas que o esporte terá incentivo? Irá crescer?

J.M. - Com certeza. Nós vemos as pessoas dizendo que o Brasil vai só gastar dinheiro com as Olimpíadas, mas não é bem assim. Eu acho que é possível aproveitar muita coisa boa das Olimpíadas. Eu acredito, por exemplo, que o fato de termos em Porto Alegre um concurso internacional do tamanho do “The Best Jump” é fantástico, porque é uma oportunidade que a nossa comunidade local tem de assistir competidores do patamar elevado de várias partes do mundo, principalmente, daqui da América do Sul. É um concurso de uma competitividade muito boa, com padrão de qualidade muito bom, com desenhadores de percurso internacionais. Enfim, a possibilidade de crescimento que tu tens só de assistir é grande. Imagina o contato que tu tens com o cavaleiro. Isso é muito importante para o esporte. Eu acho que isso é, sem dúvida, uma oportunidade de crescimento. Além disso, têm os investimentos da área pública, seja investimento direto, seja através de incentivos fiscais. Isso possibilitará a melhoria das estruturas. Penso que, assim como todos os esportes no Brasil, o hipismo vai se verificar com muita força e possibilidade de melhoria, pois vão buscar incentivos fiscais em função de leis que hoje já existem vinculadas ao projeto olímpico. Isso é um possível aspecto de crescimento. Quem vê do lado negativo só imagina que esse dinheiro vai sumir, e que por certo vai ter desvio de dinheiro. Sempre tem, não vai deixar de ter. Mas eu acho que, sem dúvida, é muito mais uma oportunidade de crescimento do que qualquer coisa.

⁹ Gustavo Kuerten (Guga): Mais conhecido como Guga, apelido afetivo, é um ex-tenista profissional brasileiro (Florianópolis, 10 de setembro de 1976), considerado o maior tenista masculino da história do país.

F.S. - Se você pudesse definir, em poucas palavras, o que o hipismo significa para sua vida?

J.M. - Para mim, significa essa possibilidade de convívio com o esporte que pratico desde criança. Do convívio com o animal. Todos os dias levo cenouras para o meu cavalo e isso desenvolve uma empatia. Eu acredito que para se ter sucesso dentro do que quer fazer com o seu cavalo, seja saltar 50 cm ou 1.50m, cada um tem seu objetivo, mas a empatia com o animal, eu acho que é fundamental. Isso é uma coisa que tu conquista no dia a dia. Isso passa com a relação com o seu tratador, a ocupação com o cavalo, o trabalho com o teu instrutor. Eu acho que o hipismo é importante por esse equilíbrio emocional, por essa convivência social, essa adrenalina da competição, de tentar melhorar. O hipismo é um esporte que os resultados são muito dispares. Um dia você vai muito bem, no outro pode ir mal e é essa adrenalina que traz o prazer no esporte.

F.S. - Acabaram-se as perguntas, muito obrigada.

[FINAL DO DEPOIMENTO]